

SOL
E
TORMENTA
minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leigh Bardugo, 2012
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.
Título original: *Siege and Storm*

Revisão: Opus Editorial e Audrya de Oliveira
Diagramação: Marcela Badolatto
Mapa: Keith Thompson, 2012
Capa: adaptada do projeto original de Natalie C. Sousa e Ellen Duda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bardugo, Leigh

Sol e tormenta: a escuridão nunca morre / Leigh Bardugo; tradução de
Eric Novello. -- São Paulo: Planeta, 2021.
352 p. (Trilogia Grisha; vol. 2)

ISBN 978-65-5535-328-0

Título original: *Siege and Storm*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Novello, Eric

21-0922

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



★ DJERHOLM

ΠÃO MAR

ΠΟΒΟΚΡΙΒΙΡΣΚ

ΚΡΙΒΙΡΣΚ

ΟΣ ΚΕΡΥΟ

MAR
REAL

ilustração do mapa por Keith Thompson

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

FJERDA



PERMAFROST

ЧЕРПАСТ



ТСІБЕЯ

ПЕТРАЗОІ



РҮЕВОСТ

RAVKA



БАЛАКІРЭВ



★ OS ALTA

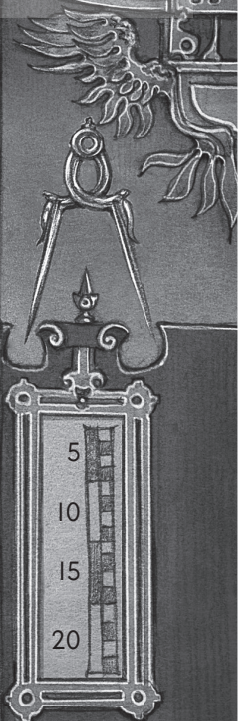
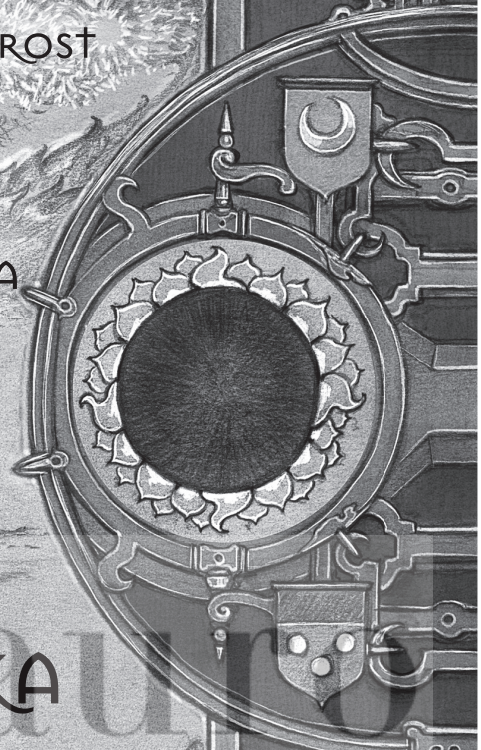


ПОЛІЗПАҮА

СІКУРЗОІ

SHU HAN

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.





OS GRISHAS

Soldados do Segundo Exército
Mestres da Pequena Ciência

CORPORALKI
(a ordem dos vivos e dos mortos)

Sangradores
Curandeiros

ETHEREALKI
(a ordem dos conjuradores)

Aeros
Infernais
Hidros

MATERIALKI
(a ordem dos fabricantes)

Durastes
Alquimistas



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Capítulo 1



STÁVAMOS EM COFTON havia duas semanas e eu ainda me perdia. A cidade ficava no interior, a oeste da costa de Novyi Zem, longe do porto onde descemos. Em breve avançaríamos mais, para dentro dos confins da fronteira zemeni. Talvez, então, começássemos a nos sentir seguros.

Verifiquei um pequeno mapa que tinha desenhado para mim e recalculei meus passos. Maly e eu nos encontrávamos todo dia após o trabalho para caminhar juntos de volta para a pensão, mas hoje eu tinha ficado completamente desorientada quando desviara do caminho para comprar o jantar. O vitelo e as tortas de repolho foram enfiados na minha bolsa e exalavam um cheiro muito peculiar. O dono da loja disse que eram iguarias zemeni, mas eu tinha minhas dúvidas. Isso não importava muito. Ultimamente, tudo tinha gosto de cinzas para mim.

Maly e eu tínhamos vindo a Cofton para encontrar um trabalho que pudesse financiar nossa viagem para oeste. A cidade ficava no centro da rota da *jurda*, cercada de campos com as pequenas flores laranja que as pessoas mascavam em grande quantidade. O estimulante era considerado um luxo em Ravka, mas alguns dos marinheiros a bordo do *Verrhader* o tinham usado para se manterem acordados em vigílias longas. Os homens zemenis gostavam de comprimir as pétalas secas entre os lábios e a gengiva, e até mesmo as mulheres as carregavam em algibeiras bordadas que pendiam de seus pulsos. A vitrine de cada loja pela qual eu passava anunciava marcas diferentes: Folha Brilhante, Sombra, Dhoka, Nodosa. Vi uma menina belamente vestida com anáguas se inclinar e cuspir um jato de suco cor de ferrugem direto em uma das escarradeiras de latão que ficavam do lado de fora de todas as lojas. Quase engasguei de nojo. Ali estava um costume zemeni com o qual eu não planejava me acostumar.



Com um suspiro de alívio, virei-me para a via principal da cidade. Pelo menos agora sabia onde estava. Cofton ainda não parecia exatamente real para mim. Havia algo bruto e inacabado nela. A maioria das ruas não era pavimentada, e eu sempre tinha a sensação de que as construções de telhados planos, com suas paredes frágeis de madeira, iam desabar a qualquer minuto. E, ainda assim, todas tinham janelas de vidro. As mulheres se vestiam de veludo e rendas. As vitrines das lojas estavam repletas de doces, bugigangas e todo tipo de ornamentos em vez de rifles, facas e panelas. Aqui, até os mendigos usavam sapatos. Era essa a aparência de um país quando não estava sob cerco.

Quando passei por uma loja de gim, percebi com o canto do olho um flash de carmesim. Corporalki. Recuei na mesma hora, encolhendo-me no espaço escuro entre duas construções, o coração ribombando, minha mão já procurando a pistola na cintura.

Adaga primeiro, eu me lembrei, deslizando a lâmina da minha manga. Tente não chamar atenção. Pistola, se precisar. Usar o poder somente em último caso. Não pela primeira vez, senti falta das luvas feitas pelos Fabricadores que eu havia deixado para trás, em Ravka. Elas eram revestidas de espelhos que me permitiam cegar oponentes com facilidade em uma luta mano a mano, além de serem uma boa alternativa para dividir alguém ao meio com o Corte. Mas, se fosse localizada por um Sangrador Corporalnik, eu poderia não ter escolha. Eles eram os soldados favoritos do Darkling e podiam parar meu coração ou esmagar meus pulmões sem acertar um soco.

Esperei, a mão escorregadia no punho da adaga. Então, finalmente me atrevi a espiar em volta da parede. Vi um carrinho com uma pilha alta de barris. O condutor havia parado para conversar com uma mulher cuja filha dançava impaciente atrás dela, balançando e girando em sua saia vermelho-escura.

Apenas uma menininha. Nenhum Corporalnik à vista. Eu me afundei de volta no espaço entre as casas e respirei fundo, tentando me acalmar.

Não será assim para sempre, disse a mim mesma. Quanto mais tempo permanecer livre, mais fácil ficará.

Um dia eu acordaria de uma noite de sono sem pesadelos, caminharia pela rua sem medo. Até lá, manteria minha adaga frágil por perto e desejaria o peso firme do aço Grisha na minha mão.



Retomei meu caminho pela rua movimentada e segurei o lenço em volta do pescoço, apertando-o mais. Aquele tinha se tornado um hábito nervoso. Sob o lenço estava o colar de Morozova, o mais poderoso amplificador já conhecido, e o único modo de me identificarem. Sem ele, eu era apenas mais uma refugiada ravkana, suja e malnutrida.

Eu não tinha certeza do que faria quando o clima mudasse. Não poderia andar por ali vestindo cachecóis e casacos de gola alta quando o verão chegasse. Mas, até lá, com alguma sorte, Maly e eu estaríamos longe de cidades populosas e perguntas indesejadas. Estaríamos por nossa própria conta pela primeira vez desde que fugíramos de Ravka. O pensamento me fez tremer de nervoso.

Atravessei a rua, desviando de carroças e cavalos, ainda vasculhando a multidão com a certeza de que a qualquer momento veria uma tropa de Grishas ou *oprichniki* descendo na minha direção. Ou talvez fossem os mercenários shu han, ou assassinos fjerdanos, ou os soldados do Rei ravkano, ou quem sabe o próprio Darkling. Tantas pessoas poderiam estar nos caçando. Ou melhor, *me caçando*. Se não fosse por mim, Maly ainda seria um rastreador do Primeiro Exército, e não um desertor fugindo para sobreviver.

Uma lembrança veio espontaneamente à minha mente: cabelos negros, olhos de ardósia, o rosto triunfante do Darkling enquanto liberava o poder da Dobra. Antes que eu arrancasse a vitória dele.

Era fácil conseguir notícias em Novyi Zem, mas nenhuma delas era boa. Havia rumores de que o Darkling tinha, de algum modo, sobrevivido à batalha na Dobra, que se recolhera para reunir suas forças antes de tentar conquistar o trono ravkano novamente. Eu não queria acreditar que isso fosse possível, mas sabia que era melhor não o subestimar. As outras histórias eram igualmente perturbadoras: a Dobra tinha começado a transbordar em suas margens, empurrando refugiados para leste e oeste; havia surgido um culto para uma Santa que podia conjurar o sol. Eu não queria pensar nisso. Maly e eu tínhamos uma nova vida agora. Tínhamos deixado Ravka para trás.

Apressei o passo e logo estava no quarteirão onde me encontrava com Maly toda noite. Eu o vi inclinado na beira de uma fonte, falando com um amigo zemeni que ele conhecera ao trabalhar no armazém. Não conseguia me lembrar do nome dele... Jep, talvez? Jef?

Alimentada por quatro enormes torneiras, a fonte era mais útil que decorativa, uma enorme bacia aonde as meninas e as serviçais domésticas vinham para lavar roupas. Apesar disso, nenhuma das lavadeiras estava prestando muita atenção na roupa. Todas babavam por Maly. Era difícil não se embasbacar com ele. Seu cabelo tinha crescido além do corte curto militar e começava a encaracolar na nuca. A água borrifada da fonte umedecera sua camisa, que havia colado em sua pele bronzeada devido aos longos dias no mar. Ele jogou a cabeça para trás, rindo de algo que seu amigo tinha dito, parecendo alheio aos sorrisos manhosos lançados para ele.

Provavelmente está tão acostumado que nem os nota mais, pensei irritada.

Quando me viu, seu rosto se abriu em um sorriso e ele acenou. As lavadeiras se viraram para olhar e trocaram olhares de descrença. Eu sabia o que elas viam: uma garota magricela com o cabelo castanho pegajoso e sem brilho, bochechas pálidas, dedos manchados de laranja de empacotar *jurda*. Eu nunca tinha sido do tipo que chama atenção, e passar semanas sem usar meu poder tinha cobrado seu preço. Não estava nem comendo nem dormindo direito, e os pesadelos não ajudavam. O rosto das mulheres diziam todos a mesma coisa: o que um cara como Maly estava fazendo com uma garota como eu?

Endireitei a coluna e tentei ignorá-las enquanto Maly passava seu braço ao meu redor e me puxava para perto.

—Onde você esteve? — perguntou ele. — Estava ficando preocupado.

— Fui interceptada por uma gangue de ursos raivosos — murmurei na altura do ombro dele.

— Se perdeu de novo?

— Não sei de onde você tira essas ideias.

— Você se lembra do Jes, não é? — disse ele, indicando o amigo.

— Como está? — perguntou Jes em um ravkano desajeitado, esticando a mão. Sua expressão parecia excessivamente solene.

— Muito bem, obrigada — respondi em zemeni. Ele não retribuiu meu sorriso, mas acariciou minha mão de um modo gentil. Jes era definitivamente um cara estranho.

Nós conversamos um pouco mais, mas dava para notar que Maly sabia que eu estava ficando ansiosa. Eu não gostava de ficar em áreas abertas muito tempo. Nós nos despedimos e, antes de Jes partir, ele me lançou outro olhar sombrio e se inclinou para sussurrar algo a Maly.

— O que ele disse? — perguntei enquanto o víamos andar com calma pela praça.

— Humm? Nada. Sabia que tem pólen nas suas sobrancelhas? — Ele esticou a mão para limpá-las, gentilmente.

— Talvez eu queira o pólen aí.

— Foi mal.

Quando nos afastamos do chafariz, uma das lavadeiras se inclinou para a frente, praticamente se derramando de seu vestido.

— Se você algum dia se cansar de pele e ossos — ela gritou para Maly —, tenho algo para tentá-lo.

Eu enrijeci. Maly olhou por cima do ombro. Vagarosamente, fitou-a dos pés à cabeça. — Não — disse sem empolgação. — Não tem.

O rosto da garota enrubescou com um vermelho feio quando as outras zombaram e gargalharam, jogando água nela. Tentei manter uma expressão arrogante, mas foi difícil conter o sorriso bobo surgindo nos cantos da minha boca.

— Obrigada — murmurei enquanto atravessávamos o quarteirão rumo à nossa pensão.

— Pelo quê?

Revirei os olhos.

— Por defender a minha honra, seu bronco.

Ele me puxou para baixo de um toldo sombreado. Tive um pânico momentâneo pensando que ele havia identificado algum problema, mas então seus braços estavam ao meu redor e seus lábios pressionavam os meus.

Quando ele finalmente recuou, minhas bochechas estavam quentes e minhas pernas, bambas.

— Só pra deixar claro — disse ele —, não estou realmente interessado em defender sua honra.

— Entendido — falei, com a esperança de não ter soado ridiculamente suspirante.

— Além disso — acrescentou —, preciso aproveitar cada minuto que possa antes de voltarmos ao Poço.

O Poço, era assim que Maly chamava a nossa pensão. Ela era lotada e suja, e não nos permitia ter nenhuma privacidade, mas era barata. Ele sorriu, convencido como sempre, e me puxou de volta para o fluxo de

peessoas na rua. Apesar do cansaço, meus passos com certeza pareciam mais leves. Eu ainda não havia me acostumado com a ideia de estarmos juntos. Outro tremor passou por mim. Na fronteira não haveria pensionistas curiosos ou interrupções indesejadas. Meu pulso deu um pequeno salto. Se era de nervoso ou de ânimo, eu não sabia dizer.

— O que o Jes falou? — perguntei de novo, quando meu cérebro se sentiu um pouco menos revolvido.

— Ele disse que eu devia cuidar bem de você.

— Só isso?

Maly pigarreou.

— E... disse que rezaria para o Deus do Trabalho curar sua aflição.

— Minha *o quê?*

— Talvez eu tenha dito a ele que você tem bócio.

Eu cambaleei.

— Como é que é?

— Bem, eu tinha que explicar por que você sempre andava agarrada nesse lenço.

Eu soltei a mão. Estava fazendo isso de novo sem nem mesmo perceber. — Então você disse a ele que eu tenho bócio? — sussurrei, incrédula.

— Bem, eu tinha que dizer alguma coisa. E isso te torna uma figura bastante trágica. Garota bonita, crescimento gigante, você sabe.

Eu o soquei forte no braço.

— Ei! Em alguns países, papadas são consideradas de muito bom gosto.

— Eles também gostam de eunucos? Porque eu posso conseguir um.

— Tão sanguinária!

— Meu bócio me deixa de mau humor.

Maly riu, mas notei que ele mantinha a mão em sua pistola. O Poço se localizava em uma das partes menos favorecidas de Cofton, e estávamos carregando um bocado de moedas, os salários economizados para começarmos uma nova vida. Só mais alguns dias e teríamos o suficiente para deixar a cidade para trás – o barulho do ar cheio de pólen, o medo constante. Estaríamos seguros em um lugar onde ninguém se importava com o que acontecia em Ravka, onde Grishas eram raros e ninguém tinha ouvido falar da Conjuradora do Sol.

E ninguém precisa de uma. O pensamento azedou meu humor, mas era cada vez mais frequente nos últimos tempos. Para que eu serviria nesse país estrangeiro? Maly podia caçar, rastrear, manusear uma arma. Eu só era boa em ser uma Grisha. Eu sentia falta de evocar luz, e ficava mais fraca e pálida a cada dia sem usar meu poder. Só de andar ao lado de Maly eu já ficava sem fôlego e lutava sob o peso da minha bolsa. Estava tão frágil e desastrada que mal conseguia manter meu emprego empacotando *jurda* em uma das casas de campo. Isso só me rendia algumas moedas, mas eu insistia em trabalhar, em tentar ajudar. Sentia-me do mesmo jeito de quando éramos crianças: o Maly útil e a Alina inútil.

Afastei o pensamento. Podia não ser mais a Conjuradora do Sol, mas tampouco era a garotinha triste. Eu encontraria um modo de ser útil.

A visão de nossa pensão não me animou, exatamente. Ela tinha dois andares e precisava muito de uma demão de tinta fresca. A placa na janela anunciava banhos quentes e camas sem carrapatos em cinco idiomas. Depois de ter uma amostra da banheira e da cama, eu sabia que a placa mentia, seja lá como você a traduzisse. Ainda assim, com Maly ao meu lado, o lugar não parecia tão ruim.

Nós subimos os degraus do alpendre bambo e entramos na taverna que ocupava a maior parte do piso inferior da casa. Ela estava fresca e quieta apesar do alarido poeirento da rua. A essa hora, geralmente havia alguns trabalhadores nas mesas esburacadas bebendo seus pagamentos do dia, mas hoje a pensão estava vazia, exceto pelo dono de aparência ranzinza de pé atrás do bar.

Ele era um imigrante kerch, e eu tinha a ligeira impressão de que não gostava de ravkanos. Ou talvez só pensasse que éramos ladrões. Tínhamos aparecido duas semanas antes, esfarrapados e sujos, sem nenhuma bagagem e sem nada para pagar pela hospedagem além de um único grampo de cabelo de ouro que ele provavelmente pensava que havíamos roubado. Mas isso não o tinha impedido de arrematá-lo em troca de duas camas em um quarto que dividíamos com seis outros pensionistas.

Enquanto nos aproximávamos do bar, ele bateu a chave do quarto no balcão e a jogou em nossa direção sem que precisássemos pedir. Ela estava amarrada a um pedaço esculpido de osso de galinha. Outro toque encantador.

No kerch capenga que tinha aprendido a bordo do *Verrhader*, Maly solicitou um jarro de água quente para se lavar.

— Extra — grunhiu o proprietário. Ele era um homem corpulento, com queda de cabelo e manchas alaranjadas nos dentes surgidas do hábito de mascar *jurda*. Estava suando, notei. Embora o dia não estivesse particularmente quente, gotas de suor brotavam acima de seu lábio superior.

Olhei de novo para ele enquanto íamos para a escada no outro lado da taverna deserta. O homem continuava nos observando, braços cruzados sobre o peito, seus olhos pequenos estreitados. Havia algo na expressão dele que deixava meus nervos à flor da pele.

Hesitei no início dos degraus.

— Aquele cara realmente não gosta da gente — eu disse.

Maly já tinha subido a escada.

— Não, mas gosta bastante do nosso dinheiro. E iremos embora em alguns dias.

Eu me livrei do nervosismo. Havia me sentido tensa a tarde inteira.

— Certo — resmunguei enquanto o seguia. — Mas, para eu estar preparada, como digo “você é um idiota” em kerch?

— *Jer ven azel*.

— Sério?

Maly riu.

— A primeira coisa que os marinheiros te ensinam é como xingar.

O segundo andar da pensão estava em um estado consideravelmente pior que os cômodos públicos abaixo. O tapete era desbotado e surrado, e o corredor escuro fedia a repolho e tabaco. As portas para os quartos privativos estavam todas fechadas, e nenhum som veio dos cômodos enquanto passávamos. O silêncio era estranho. Talvez todas as pessoas estivessem passando o dia fora.

A única luz vinha de uma solitária janela encardida no fim do corredor. Enquanto Maly se atrapalhava com as chaves, olhei pelo vidro manchado para as carroças e carruagens bramindo lá embaixo. Do outro lado da rua, havia um homem de pé embaixo de uma varanda, olhando para a pensão. Ele puxou a gola e as mangas, como se as roupas fossem novas e não se ajustassem muito bem. Os olhos dele encontraram os meus pela janela e se desviaram rapidamente.

Senti uma repentina pontada de medo.



— Maly — sussurrei, alcançando-o.

Mas era tarde demais. A porta foi aberta com força.

— Não! — gritei. Estiquei as mãos e a luz explodiu pelo corredor em uma cascata cegante. Então mãos ásperas me agarraram, puxando meus braços para trás das costas. Fui arrastada para o quarto, chutando e me debatendo.

— Calminha aí — disse uma voz fria de algum lugar no canto. — Eu odiaria ter que degolar seu amigo tão cedo.

O tempo pareceu desacelerar. Vi o quarto surrado, de teto baixo, o lavatório rachado em cima da mesa avariada, partículas de poeira girando em um feixe fino de luz solar, a borda brilhante da lâmina pressionada na garganta de Maly. O homem que o segurava tinha um sorriso de escárnio familiar. *Ivan*. Havia mais gente, homens e mulheres. Todos vestiam os casacos e calças justos de comerciantes e trabalhadores zemeni, mas reconheci alguns dos rostos da minha época no Segundo Exército. Eles eram Grishas.

Atrás deles, envolto em sombras, descansando em uma cadeira bamba como se ela fosse um trono, estava o Darkling.

Por um momento, tudo no quarto ficou silencioso e imóvel. Eu podia ouvir a respiração de Maly, a mudança de peso de um pé para o outro. Ouvi um homem gritar um *oi* lá embaixo na rua. Eu não conseguia parar de olhar para as mãos do Darkling, seus longos dedos brancos repousando casualmente nos braços da cadeira. Tive o pensamento tolo de que nunca o tinha visto em roupas comuns.

Então me dei conta da realidade. Era *assim* que terminava? Sem uma luta? Sem nem mesmo alguém disparar um tiro ou levantar a voz? Um soluço de pura raiva e frustração irrompeu livre da minha garganta.

— Pegue a pistola dela e procure outras armas — disse o Darkling, suavemente. Senti o peso reconfortante da minha arma de fogo ser tirado do meu quadril, o punhal ser puxado da bainha em meu pulso. — Direi a eles para soltá-la — disse ele quando terminaram —, com a consciência de que, se sequer levantar as mãos, Ivan matará o rastreador. Demonstre que me entendeu.

Eu assenti uma vez com a cabeça.

Ele levantou um dedo, e os homens me soltaram. Tropecei para a frente e então congelei no centro da sala, minhas mãos cerradas em punhos.

Eu poderia cortar o Darkling em dois com o meu poder. Poderia rachar ao meio todo este maldito lugar. Mas não antes de Ivan abrir a garganta de Maly.

— Como nos encontrou? — perguntei ríspida.

— Vocês deixaram uma trilha bastante cara — disse ele, e jogou preguiçosamente algo em cima da mesa. O objeto caiu tilintando sobre o lavatório. Eu reconheci um dos pinos de ouro que Genya tinha colocado no meu cabelo muitas semanas atrás. Tínhamos usado os pinos para pagar a passagem pelo Mar Real, a carroça para Cofton e nossas miseráveis camas não tão livres assim de carrapatos.

O Darkling se levantou, e uma estranha trepidação crepitou pela sala. Foi como se cada Grisha tivesse prendido a respiração e estivesse aguardando. Eu podia sentir o medo vindo deles, e aquilo me transmitiu uma pontada de alerta. Os subordinados do Darkling sempre o trataram com reverência e respeito, mas isso era algo novo. Mesmo Ivan parecia um pouco aflito.

O Darkling caminhou para a luz, e eu vi um leve arabesco de cicatrizes em seu rosto. Elas haviam sido curadas por um Corporalnik, mas ainda eram visíveis. Então os volcras tinham deixado sua marca. *Ótimo*, pensei com uma pontinha de satisfação. Era um conforto pequeno, mas pelo menos ele não era mais tão perfeito quanto antes.

Ele parou, me estudando.

— O que tem achado dessa vida de ficar se escondendo, Alina? Você não parece muito bem.

— Nem você — disse eu. Não eram apenas as cicatrizes. Ele vestia seu cansaço como um manto elegante, mas ainda estava lá. Havia manchas tênues abaixo de seus olhos, e os sulcos das maçãs marcadas de seu rosto haviam afundado um pouco mais.

— Um pequeno preço a pagar — disse ele, seus lábios se curvando em um meio sorriso.

Um arrepio percorreu minha espinha. *Pelo quê?*

Ele esticou a mão, e precisei de toda a minha força de vontade para não recuar. Mas tudo que ele fez foi pegar uma das pontas do meu lenço. Ele o puxou gentilmente, e a lã áspera deslizou livre por meu pescoço e flutuou para o chão.

— Pelo visto, você voltou a fingir ser menos do que é. O fingimento não cai bem em você.

Senti uma onda de desconforto. Eu não havia acabado de ter um pensamento similar alguns minutos atrás? — Obrigada por se preocupar — murmurei.

Ele deixou os dedos percorrem o colar.

— Ele é tão meu quanto seu, Alina.

Afastei a mão dele com um tapa, e os Grishas deixaram escapar um farfalhar ansioso.

— Então não deveria tê-lo colocado em meu pescoço — rebati. — O que você quer?

É claro que eu já sabia. Ele queria tudo – Ravka, o mundo, o poder da Dobra. A resposta dele não importava. Eu só precisava mantê-lo falando. Sabia que esse momento chegaria e havia me preparado para isso. Não iria deixá-lo me capturar novamente. Olhei para Maly, com a esperança de que ele entendesse minha intenção.

— Quero lhe agradecer — disse o Darkling.

Eu não esperava por isso.

— Me agradecer?

— Pelo presente que me deu.

Meus olhos voaram para as cicatrizes em sua bochecha pálida.

— Não — disse ele com um sorriso discreto —, não esse presente. Mas elas são um bom lembrete.

— Do quê? — perguntei, sem conseguir conter a curiosidade.

Seu olhar era de uma dureza cinzenta.

— De que todo homem pode ser feito de tolo. Não, Alina, o presente que você me deu é muito maior.

Ele se virou. Lancei outro olhar para Maly.

— Ao contrário de você — disse o Darkling —, eu entendo o que é gratidão e desejo expressá-la.

Ele ergueu as mãos. A escuridão caiu sobre a sala.

— Agora! — gritei.

Maly deu uma cotovelada nas costelas de Ivan. No mesmo momento, estiquei as mãos e a luz explodiu, cegando os homens ao nosso redor. Concentrei meu poder, afiando-o em uma foice de pura luz. Eu só tinha um objetivo. Não deixaria o Darkling de pé. Olhei para a escuridão em ebulição, tentando encontrar meu alvo. Mas havia algo errado.



Eu já tinha visto o Darkling usar seu poder inúmeras vezes antes. Isso era diferente. As sombras espiralavam e se curvavam em torno do meu círculo de luz, girando mais rapidamente, uma nuvem convulsiva que estalava e zumbia como uma nuvem de insetos famintos. Forcei meu poder contra elas, mas elas se torceram e contorceram, chegando ainda mais perto.

Maly estava ao meu lado. De algum modo tinha pegado a faca de Ivan.

— Fique perto de mim — eu disse. Melhor tentar a sorte e abrir um buraco no chão do que ficar ali de pé sem fazer nada. Eu me concentrei e senti o poder do Corte vibrar em mim. Ergui meu braço e... algo se destacou da escuridão.

É um truque, pensei quando a coisa veio em nossa direção. Só pode ser algum tipo de ilusão.

Era uma criatura feita de sombras, seu rosto branco e desprovido de traços. Seu corpo parecia tremer e obscurecer, e então se formar novamente: braços, pernas, mãos longas que terminavam em uma sugestão sutil de garras, costas largas com asas no topo que se turvavam e mudavam à medida que se expandiam como uma mancha negra. Era quase como um volcra, mas sua forma era mais humana. E ela não temia a luz. Não me temia.

É um truque, minha mente em pânico insistiu. Não é possível. Era uma violação de tudo que eu sabia sobre o poder Grisha. Nós não podíamos criar matéria. Não podíamos criar vida. Mas a criatura continuava vindo em nossa direção, e os Grishas do Darkling estavam se encolhendo contra a parede em um terror muito real. Era isso que tanto os havia assustado.

Controlei meu medo e reconcentrei meu poder. Balancei o braço, descendo-o em um arco brilhante e inescapável. A luz cortou a criatura. Por um momento, pensei que ela simplesmente continuaria vindo. Então a criatura vacilou, brilhando como uma nuvem iluminada por um raio, e explodiu sem deixar vestígios. Tive tempo para a mais básica onda de alívio antes de o Darkling erguer a mão e outro monstro assumir o lugar do anterior, seguido de outro e mais outro.

— Foi esse o presente que você me deu — disse o Darkling. — O dom que ganhei da Dobra. — Seu rosto estava vivo com poder e um



tipo de júbilo terrível. Mas eu também podia notar seu esforço. O que quer que estivesse fazendo, aquilo tinha um custo para ele.

Maly e eu saímos pela porta enquanto as criaturas nos seguiam de perto. De repente, uma delas disparou em nossa direção com uma velocidade impressionante. Maly a cortou com sua faca. A coisa parou, hesitou um pouco, então o agarrou e o jogou de lado como um boneco. Aquilo não era uma ilusão.

— Maly! — gritei.

Ataquei com o Corte e a criatura queimou e desapareceu, mas o monstro seguinte me alcançou em segundos. Ele me agarrou, e a repulsa fez meu corpo estremecer. Sua garra era como milhares de insetos rastejantes enxameando sobre meus braços.

Ela me ergueu do chão, e percebi quanto estava errada. A coisa tinha mesmo uma boca, um buraco escancarado e retorcido que se abriu para revelar várias fileiras de dentes. Senti todos eles quando a coisa mordeu fundo meu ombro.

Eu nunca havia sentido uma dor como aquela. A sensação ecoou dentro de mim, multiplicando-se sobre si mesma, abrindo-me e raspando meu osso. Ao longe, ouvi Maly chamar meu nome. Ouvi meu próprio grito.

A criatura me soltou. Caí no chão em um amontoado sem força. Eu estava de costas, a dor ainda reverberando por mim em ondas intermináveis. Podia ver o teto manchado de água, a criatura de sombras se agigantando acima de mim, o rosto pálido de Maly quando ele se ajoelhou ao meu lado. Vi seus lábios articularem meu nome, mas não pude ouvi-lo. Eu já estava desmaiando. A última coisa que ouvi foi a voz do Darkling. Tão clara, como se ele estivesse deitado ao meu lado, seus lábios pressionados contra meu ouvido sussurrando de modo que só eu pudesse escutá-lo: *Obrigado*.